

1
2
3
4
5
6
7

SALVO MONTALBANO E O MANIFESTO DA COZINHA SICILIANA: O CARDÁPIO DE MONTALBANO

Gisele Maria Nascimento Palmieri ()
gmp80@yahoo.com.br

8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18

RESUMO

O personagem Salvo Montalbano, um comissário de polícia da fictícia cidade de Vigàta, é considerado um *buona forchetta*. Criado pelo escritor italiano Andrea Camilleri para uma série de *gialli*, o detetive siciliano aprecia a boa culinária, vale dizer, típica da sua região. Uma das possíveis leituras dos romances policiais de Andrea Camilleri é a da literatura como manifesto da cozinha da Sicília. Um prato bem feito, uma *pasta* bem cozida, o ato de mastigar devagar, saboreando bem os alimentos, tornam-se, para Montalbano, prerrogativas de um verdadeiro italiano. Pode-se montar um livro de receitas a partir da leitura dos livros da série ou mesmo criar um cardápio digno de um excelente restaurante de cozinha regional siciliana, levando o leitor a perceber, na literatura policial de Andrea Camilleri, traços de uma representação identitária do Sul da Itália.

19
20

Palavras-chave:

Montalbano. Literatura. Culinária. Manifesto. Cardápio. Intertextualidade.

21
22

1. *Referências e alusões gastronômicas*

23
24
25
26
27
28
29
30

O personagem Salvo Montalbano, criado por Andrea Camilleri, possui como uma de suas mais peculiares características um traço emprestado de outro personagem famoso: Pepe Carvalho. Ambos são amantes da boa culinária. O primeiro detetive gourmet da literatura policial serviu de base para a criação, empreendida por Andrea Camilleri, do comissário siciliano. Amigo íntimo de Vázquez Montalbán, o escritor catalão “pai” de Pepe Carvalho, Andrea Camilleri batiza seu personagem mais famoso com o sobrenome homônimo do amigo escritor:

31
32
33
34
35

Ho battezzato il commissario Salvo Montalbano in onore di Manuel Vázquez Montalbán, il mio caro amico di cui oggi piango la scomparsa. [...] Non ne ammiravo solo il raffinato stile narrativo, l'invenzione del detective-gourmet Pepe Carvalho, ma anche e soprattutto il profilo intellettuale, antifascista e comunista¹

¹Batizei o comissário Salvo Montalbano em homenagem a Manuel Vázquez Montalbán, o meu caro amigo de quem hoje choro o desaparecimento. [...]Não admirava somente o refinado estilo narrativo,

1 A admiração que Andrea Camilleri tinha pelo personagem criado
2 por Montalbán proporcionou ao escritor siciliano a oportunidade de criar
3 o seu próprio personagem que, não apenas levou o nome daquele autor o
4 qual queria homenagear, mas que permitiu a reapropriação dos traços est-
5 éticos de Pepe Carvalho. O prazer pela comida do personagem espanhol
6 foi ressignificado nos livros policias de Andrea Camilleri, posto que a ca-
7 racterística de personagem *gourmet* coincide com um traço identitário
8 que Montalbano representa. Comer bem faz parte do estilo de vida do de-
9 tective de Andrea Camilleri assim como faz parte do estilo de vida de um
10 cidadão siciliano. A intertextualidade estabelecida entre o escritor italia-
11 no e o escritor catalão em seus romances policiais coincidiu com o proje-
12 to de representação identitária do autor siciliano, que era criar um perso-
13 nagem que personificasse o homem siciliano, à maneira como ele é idea-
14 lizado pelo autor: honesto, intelectualizado e “bom de garfo”. Mesclou-
15 se, em Salvo Montalbano, características do escritor Vázquez Montalbán
16 e o personagem criado por este, Pepe Carvalho. Criador e criatura servi-
17 ram de inspiração para o nascimento do mais famoso detetive da ficção
18 policial italiana.

19 Considerando que “não existem textos que não mantenham algum
20 aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário”
21 (MARCUSCHI, 2014, p. 129), essa aproximação entre Pepe Carvalho,
22 Manuel Vázquez Montalbán e Salvo Montalbano é explicitamente explo-
23 rada por Andrea Camilleri em seus *gialli*. Em *O Cão de Terracota* o nar-
24 rador nos informa que “ o comissário andava lendo um romance policial
25 de um escritor barcelonês que o intrigava bastante e que usava um sobre-
26 nome igual ao dele, mas na forma espanhola, Montalbán” (CAMILLERI,
27 1996, p. 6) A intertextualidade provocada por referências e alusões a ou-
28 tros personagens e escritores da literatura mundial, italiana e, ainda, sici-
29 liana fazem parte da tessitura das tramas policiais camillerianas.

30 Apesar do dialogismo estabelecido na construção do personagem
31 Montalbano, de Andrea Camilleri, a partir do personagem Pepe Carva-
32 lho, de Vázquez Montalbán, o narrador das séries policiais do detetive si-
33 ciliano faz alusão, em uma passagem de *O Cão de Terracota* (1996, p.
34 36), ao modo de comer do amigo de ficção de Montalbano, Pepe Carva-
35 lho, distanciando-os:

a invenção do detetive-gourmet Pepe Carvalho, mas também, e sobretudo, seu perfil intelectual, anti-
fascista e comunista”. Disponível em:
<http://www.vigata.org/camilleri_montalban/camilleri_montalban.shtml> Acesso em: 02-07-2017

1 Montalbano pegou os petiscos, uma garrafa de vinho, o pão, ligou a tevê e
2 acomodou-se à mesa. Gostava de comer sozinho, saborear os bocados em si-
3 lêncio. Entre os muitos vínculos que o ligavam a Livia, havia também este: o
4 de não abrir a boca enquanto comia. Ocorreu-lhe que, em matéria de gosto, ele
5 era mais parecido com Maigret do que com Pepe Carvalho, o protagonista dos
6 romances de Montalbán, o qual se empanturrava de pratos que fariam explodir
7 a barriga de um tubarão.

8 O autor, por meio dessa passagem, quer deixar claro que a home-
9 nagem ao amigo catalão se limitou ao sobrenome dado ao seu person-
10agem, como bem esclareceu em uma entrevista realizada por Mario Spezi
11 (2003):

12 *No, Montalbano non ha alcuna parentela con Pepe Carvalho e neanche*
13 *con Montalbán. Hanno in comune la passione per la cucina, è vero, ma il mio*
14 *poliziotto è probabilmente più vicino alla solarità di certi personaggi*
15 *marsigliesi del povero Jean Claude Izzo. Il nome, invece sì, è un omaggio a*
16 *Montalbán, perché proprio leggendo un suo libro capii come doveva*
17 *strutturare un romanzo giallo.*²

18 Mikhail Bakhtin (2017, p. 297) esclarece que

19 cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enuncia-
20 dos precedentes de um determinado campo [...]: ela os rejeita, confirma, com-
21 pleta, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva
22 em conta.

23 Sendo assim, fica claro que, em comum com o personagem Pepe
24 Carvalho, Montalbano toma emprestado apenas a “paixão pela cozinha”.
25 Andrea Camilleri retoma o texto de Vázquez Montalbán, baseia-se nele,
26 mas rejeita qualquer outro atributo emprestado do personagem criado pe-
27 lo amigo escritor catalão. E é a partir desse traço em comum entre ambos
28 os personagens detetives que se desenvolverá o presente artigo.

30 2. *Montalbano, o detetive “buona forchetta”*

31 A relação do italiano com a comida o singulariza no cenário gas-
32 tronômico mundial. Sua fama de bom cozinheiro ou apreciador da boa
33 mesa se estende à literatura. Fabiano Dalla Bona (2009, p. 15) diz que

² Não, Montalbano não tem nenhum parentesco com Pepe Carvalho e nem mesmo com Montalbán. Têm em comum a paixão pela cozinha, é verdade, mas o meu policial é provavelmente mais próximo à solaridade de alguns personagens marselheses do pobre Jean Claude Izzo. O nome, esse sim, é uma homenagem a Montalbán, porque foi lendo seu livro que entendi como deveria estruturar um romance policial. Disponível em:

<http://www.vigata.org/camilleri_montalban/camilleri_montalban.shtml>. Acesso em: 02-07-2017.

1 “(...) para o povo italiano, a ‘ciência’ do bem comer e o instinto plena-
2 mente desenvolvido, mantidos através dos hábitos alimentares seculares,
3 é de fácil percepção na crônica de seus escritores, de seus críticos soci-
4 ais”.

5 O personagem de Salvo Montalbano é o representante literário
6 que melhor exemplifica, dentro da vasta literatura italiana, o profícuo re-
7 lacionamento entre a Itália e a cultura gastronômica. Conhecedor e apre-
8 ciador dos pratos típicos da sua terra, Montalbano personifica, na ficção
9 camilleriana, o homem italiano, mais especificamente o homem siciliano,
10 que valoriza o momento da refeição como algo extraordinário. Um almo-
11 ço ou jantar é um importante ritual para o personagem Salvù, apelido da-
12 do por amigos íntimos, e funciona como artifício narrativo de suspensão
13 do fluxo natural do enredo. É uma pausa na rotina estafante e agitada do
14 detetive siciliano para um momento de gozo e paz, recurso utilizado por
15 Andrea Camilleri para contrapor a rudeza da violência urbana de Vigàta,
16 pela leveza de uma refeição feita com prazer. Esta última representação
17 redime a Sicília como um lugar conhecidamente perigoso, tantas vezes
18 assim retratada nos jornais, televisão e até mesmo, na literatura. A hora
19 da refeição de Montalbano seria um momento em que a trama ganha ares
20 *locus amoenus*, afastando qualquer ideia *locus horrendus* que haja sobre
21 a região da Sicília.

22 Retomando a referência que o personagem faz de Pepe Carvalho
23 em *O Cão de Terracota* (1996, p. 36), segundo o raciocínio de Montal-
24 bano, naquela passagem, o detetive catalão comete o pecado da gula, que
25 “é a vontade imoderada de comer e beber, o afã de assimilar todo o uni-
26 verso pela via digestiva” (DALLA BONA, 2009, p. 21). Ou seja, Pepe
27 Carvalho faz-se glutão. Já o comissário estaria representado à maneira de
28 um indivíduo de bom paladar e gosto refinado, que faz escolhas requin-
29 tadas nos restaurantes, *osterie* e *trattorie* do sul da Itália. Em *Os Mares*
30 *do Sul*, após um bom tempo preparando para uma visita berinjelas grati-
31 nadas com camarões e presunto, Pepe Carvalho revela que seu paladar
32 não é sofisticado: “ – Admito que é muito pouco ortodoxo. O normal é
33 fazer com bechamel quimicamente puro e com menos sabor de camarão.
34 Mas eu tenho um paladar primário” (MONTALBÁN, 2001, p. 86). O pa-
35 ladar, definitivamente, não é o mesmo de Montalbano, que atenta para
36 detalhes que só um paladar requintado e exigente possui, como pode-se
37 perceber nesta passagem em que vai à casa de dona Angelina: “Este se
38 sentou e ela serviu-lhe sopa de peixe, concentrada até onde Deus permitia
39 e incrementada com salsa” (CAMILLERI, 1996, p. 185). Para Montalba-

1 no, pequenos detalhes gastronômicos fazem toda a diferença no sabor
2 dos alimentos.

3 Refletindo sobre essas duas passagens (a de *Os Mares do Sul* e a
4 de *O Cão de Terracota*), chega-se a um dos argumentos defendidos nesse
5 artigo, que é o isolamento cultural do siciliano no campo gastronômico
6 representado pela figura do comissário de Vigàta. Montalbano represen-
7 taria essa separação entre a relação de um italiano da Sicília e a de outros
8 cidadãos do mundo com a comida, pois seu modo de comer, suas esco-
9 lhas de refeições e dos locais onde vai comer e a preferência que dá a
10 comer a comida de quem sabe cozinhar bem, enfim, o como, quando,
11 onde e a comida de quem comer é tão importante quanto o ato de comer
12 em si. O seu interesse peculiar pela comida, pelo momento da refeição,
13 pelo ato de comer emerge, no texto literário de Andrea Camilleri, como
14 um estandarte identitário, pois “se a identidade de um povo pode ser
15 construída através da sua língua, podemos afirmar que pode ser construí-
16 da também através de suas práticas alimentares” (DALLA BONA, 2009,
17 p. 119). E é nesse momento que ele se afasta, propositadamente, do per-
18 sonagem Pepe Carvalho.

19 O comissário de Vigàta não come, apenas. Ele ritualiza cada en-
20 contro com o alimento à mesa. Seus ritos gastronômicos são perceptíveis
21 quando se vai lendo os livros da série. À maneira de um manifesto, atos e
22 comportamentos repetitivos do siciliano são apreendidos pelo leitor que
23 acompanha suas aventuras no texto literário. A cozinheira Adelina, que
24 ele prefere como companhia à sua namorada Livia, pois esta não gosta de
25 cozinhar; as desculpas dadas para refutar convites (até amorosos) para sa-
26 ir, quando se é convidado, no mesmo dia, para jantar na casa do chefe,
27 cuja esposa cozinha muito bem; o hábito de comer em silêncio e não
28 permitir que ninguém fale perto de si enquanto está degustando um prato
29 bem feito; a preferência por comer pratos tipicamente sicilianos, a *osteria*
30 San Calogero, lugar cativo ao qual ele recorre quando Adelina não vai
31 trabalhar em sua casa, entre outros, são hábitos e comportamentos os
32 quais os leitores apreendem e que podem ser lidos como uma declaração
33 dos direitos e deveres de um siciliano à hora de comer.

34 O tempo dedicado ao ato de comer é, para ele, sagrado e de puro
35 deleite.

36 *Montalbano è veramente una buona forchetta, mangia per consolarsi, per*
37 *coccolarsi, per premiarci, si percepisce un rapporto quasi sensuale con il ci-*

1 *bo. Certe descrizioni di piatti sono talmente eccitanti da stimolare le papille*
2 *gustative del lettore...³.*

3 A comida é o seu consolo, seu refúgio, seu gozo, sua retribuição.

4 Nos *gialli* de Andrea Camilleri, “a literatura fornece um modo de
5 se conhecer e, por que não, de se reapropriar da identidade cultural, fa-
6 zendo uma viagem pela cultura alimentar do sul da Itália” (DALLA BO-
7 NA, 2009, p. 36). Seguindo uma tradição literária de escritores sicilianos
8 predecessores a Andrea Camilleri, sua produção literária soma-se àquelas
9 que buscam revisitar a identidade da região da Sicília. Walter Mauro
10 (1970, p. 09) diz que “*a chi voglia esaminarla nella sua globalità, la cul-*
11 *tura siciliana si presenta com quei caratteri di discontinuità e di diffor-*
12 *mità che ne imporrebbero una urgente revisione (...)*”⁴ Essa necessidade
13 de examinar a cultura siciliana, presente também em Andrea Camilleri,
14 ganhou um recorte dentro de suas tramas policíacas. O seu artifício literário
15 para a representação identitária é a implantação da característica típica de
16 um siciliano, que é a sua cultura alimentar e sua culinária, conhecida e
17 difundida em todo o mundo.

18 19 **3. Comida e identidade**

20 É possível, lendo os livros da série policial protagonizadas por
21 Montalbano, anotar receitas típicas sicilianas descritas pelo narrador.
22 “Quando acabou de comer, foi dar uma olhada no freezer. Havia aquela
23 *granita* de limão que a cozinheira preparava segundo a receita um-dois-
24 quatro: um copo de limão, dois de açúcar, quatro de água” (CAMILLE-
25 RI, 1996, p. 97). É possível, também, montar um cardápio de pratos, be-
26 bidas e sobremesas sicilianas como veremos mais adiante. E é, ainda,
27 possível compreender as regras de comportamento dos sicilianos à mesa,
28 por meio da observação do que faz, habitualmente, Montalbano na hora
29 da refeição.

30 Considerando a seguinte reflexão do jornalista e escritor Gianni
31 Bonina (2007, p. 13),

³ Montalbano é verdadeiramente um bom garfo. Come para consolar-se, para papicar-se, para premiar-se, percebe-se uma relação quase sensual com a comida. Certas descrições de pratos são tão excitantes que estimulam as papilas gustativas do leitor. Disponível em: <<http://www.vigata.org/maigret/maigret.shtml>>. Acesso em: 02-07-2017.

⁴A quem pretende examiná-la na sua globalidade, a cultura siciliana se apresenta com aquelas características de descontinuidade e deformação que a imporiam uma revisão urgente.

1 Soggetti ad ammalarsi di se stessi ed essere Il coltelo e la ferita, i siciliani
2 trovano in se stessi la cura, che consiste in un cordone sanitario eretto contro
3 le influenze esterne ma anche in una cintura di contenimento indossata contro
4 gli empiti esterofili⁵

5 vemos que os sicilianos possuem certa resistência à cultura externa, o
6 que o leva a valorizar a sua própria. Assim é com a sua cultura gastro-
7 nômica, nos *gialli* de Andrea Camilleri. Comer os pratos típicos da regi-
8 ão é, para o autor, na figura do comissário Montalbano, uma ode a esse
9 cordão de isolamento culinário, podendo ser interpretado como a cura de
10 que fala Gianni Bonina. A cura para a perda da identidade gastronômica
11 que possivelmente aconteceria caso os sicilianos não resistissem à globa-
12 lização, ou seja, à invasão estrangeira. Para ilustrar esse pensamento,
13 apresentaremos um manifesto da culinária siciliana e um cardápio de pra-
14 tos típicos da Sicília, que consistem na parte teórica do pôster a ser apre-
15 sentado no congresso nacional do Círculo Fluminense de Estudos Filoló-
16 gicos e Linguísticos (CIFEFIL), em agosto de 2017.

17 Como uma paródia ao *Manifesto da Cozinha Futurista* (MARI-
18 NETTI, 1927), texto traduzido e adaptado por Filippo Tommaso Mari-
19 netti, em que o futurista italiano busca renovar a gastronomia do século
20 XX, com “a ambição de teorizar a primeira autêntica revolução cultural,
21 antropológica e gastronômica do sistema alimentar italiano” (DALLA
22 BONA, 2016, p. 44), apresentaremos o manifesto da cozinha siciliana,
23 pelo comissário Salvo Montalbano. No pôster, por questões de formata-
24 ção, não serão apresentadas as citações, apenas as frases do manifesto.

25 Posteriormente, com a forma de um cardápio, apresentaremos al-
26 guns pratos típicos da Sicília degustados pelo comissário. Alguns desses
27 pratos típicos possuem um nome em dialeto siciliano. Portanto, serão
28 mostrados, em itálico, o nome siciliano dos pratos com a sua versão itali-
29 ana em dialeto. No pôster, apresentaremos as fotos desses pratos.

30 Tanto o manifesto quanto o cardápio foram criados a partir dos
31 três primeiros livros da série policial de Andrea Camilleri, a saber: *A*
32 *Forma da Água* (1994), *O Cão de Terracota* (1996) e *O Ladrão de Me-*
33 *rendas* (1996).

⁵ Sujeitos a adoecer de si mesmo e de ser a faca e a ferida, os sicilianos encontram em si mesmos a cura, que consiste em um cordão sanitário erguido contra a influência externa e também em um cinto de contenção usado contra as ondas estrangeiras.

1 **4. Manifesto da cozinha siciliana (por Montalbano)**

2 1) Reduzir o ritmo da mastigação a fim de prolongar o prazer de
3 saborear o prato:

4 Mais que uma nova receita para cozinhar polvo, a invenção da senhora
5 Elisa, a mulher do chefe de polícia, pareceu ao palato de Montalbano uma
6 verdadeira inspiração divina. Ele serviu-se de uma segunda e abundante por-
7 ção e, quando viu que também esta chegava ao fim, reduziu o ritmo da masti-
8 gação, a fim de prolongar, por menos que fosse, o prazer de saborear o prato.
9 (CAMILLERI, 1994, p. 125)

10 2) Sempre confiar na comida de quem cozinha bem (e desconfiar
11 da comida de não sabe cozinhar:

12 [...] Montalbano abriu a geladeira: Adelina havia preparado um abundante en-
13 sopadinho de camarão, suficiente até para quatro. Adelina era mãe de dois de-
14 linquentes, o caçula dos dois tinha sido detido três anos antes pelo próprio
15 Montalbano e ainda estava na prisão. [...]

16 No último mês de julho, quando veio a Vigàta para passar duas semanas
17 com ele, Livia ficou apavorada ao ouvir aquela história.

18 – Você é louco? Mis da, menos dia, essa daí resolve se vingar e envenena
19 sua sopa!

20 – Mas de que ela se vingaria?

21 – Você prendeu o filho dela!

22 – E daí, é culpa minha? Adelina sabe muitíssimo bem que não é culpa
23 minha, mas do filho, que foi babaca de se deixar apanhar. Eu agi lealmen-
24 te pra pender ele, não recorri a estratégias nem armadilhas. Foi tudo
25 normal.

26 – Não quero nem saber desse jeito distorcido de vocês raciocinarem. Você
27 tem que mandar ela embora.

28 – Mas, se eu fizer isso, quem cuida da casa, lava e passa, faz comida pra
29 mim?

30 – Você arranja outra!

31 – Aí você se engana: boa como Adelina não existe. (CAMILLERI, 1994,
32 p. 63-64)

33 3) Jamais recusar um convite para sentar-se à mesa, mas recusá-lo
34 quando sabe-se que o (a) cozinheiro (a) não é bom (a):

35 – Bom, minha senhora, eu lhe agradeço e... – principiou o comissário, en-
36 guendo-se.

37 – Por que não fica pra jantar comigo?

- 1 – Montalbano sentiu seu estômago empalidecer. Dona Clementina era
2 uma boa pessoa, muito agradável e tudo, mas devia alimentar-se á base de
3 semolina e batatas cozidas.
- 4 – Realmente, eu tenho tanta coisas pra...
- 5 – Pina, a empregada, é uma excelente cozinheira, pode acreditar. Hoje
6 preparou massa à Norma, sabe qual? Aquela com berinjelas fritas e ricota
7 salgada.
- 8 – Jesus! – fez Montalbano, voltando a sentar-se.
- 9 – E, como segundo, uma guisado.
- 10 – Jesus! – repetiu Montalbano.
- 11 – Por que esse espanto todo?
- 12 – Não é uma comida um tantinho pesada para a senhora?
- 13 – E por quê? Eu tenho um estômago que uma garota de vinte anos tem,
14 daquelas que atravessam o dia inteiro com meia maçã e um suco de ce-
15 noura. Será que o senhor é da mesma opinião do meu filho Giulio?
- 16 – Não tenho o prazer de conhecer essa opinião.
- 17 – Ele diz que, na minha idade, não é decoroso comer essas coisas. E me
18 considera um pouco desavergonhada. Acha que eu devia me aguentar à
19 base de mingauzinhos. Então, o que o senhor resolve, fica?
- 20 – Fico. – respondeu o comissário, decidido. (CAMILLERI, 1996, p. 52)
- 21 Como estava ficando tarde, Valente convidou o colega para jantar em sua
22 casa. Montalbano, que já havia sofrido a experiência da terrificante culinária
23 da mulher do subchefe, recusou, dizendo que precisava voltar imediatamente a
24 Vigàta. (CAMILLERI, 1996, p.122)
- 25 4) A massa não deve ser cozida além do ponto:
- 26 Júlia, a mulher do subchefe Valente, não só era da mesma idade que Livia
27 como, além disso, tinha nascido em Sestri. A simpatia entre as duas foi instan-
28 tânea. O mesmo não aconteceu com Montalbano em relação à senhora Valen-
29 te, em virtude da massa vergonhosamente cozida além do ponto(...) (CAMIL-
30 LERI, 1996, p. 203)
- 31 5) Cumprimentar o cozinheiro do restaurante (caso a comida tenha
32 sido bem preparada):
- 33 Adiantando para o encontro com Valente, resolveu estacionar à frente do
34 restaurante onde já estivera da outra vez. Traçou um *sauté di vongole* com fa-
35 rinha de rosca, uma porção abundante de *spaghetti in bianco con le vongole* e
36 um rodoválho ao forno, com orégano e limão caramelado. Completou com
37 uma forminha de chocolate amargo ao molho de laranja. Por fim levantou-se,
38 foi à cozinha e, comovido, apertou a mão do cozinheiro, sem dizer uma pala-
39 vra. (CAMILLERI, 1996, p. 172)

- 1
2 6) Farejar o prato antes de comer, a fim identificar seus ingredien-
tes e apreciar o seu aroma:

3 Montalbano sentiu-se agradecido, mais uma notícia daquelas e seu apetite
4 desapareceria. Depois chegaram as oito postas de merluza, porção claramente
5 suficiente para quatro pessoas. Gritavam as postas, em alegria por terem sido
6 preparadas como Deus manda. À primeira farejada, o prato já demonstrava
7 sua perfeição, alcançada com a justa quantidade de farinha de rosca, com o de-
8 licado equilíbrio entre anchova e ovo batido. (CAMILLERI, 1996, p. 26)

- 9 7) Não engolir logo a comida, apreciá-la antes de degluti-la:

10 O comissário levou à boca a primeira garfada, mas não a engoliu logo.
11 Deixou que o gosto se difundisse suave e uniformemente sobre a língua e o
12 palato, que a língua e palato dessem conta plenamente do regalo que lhes era
13 oferecido”. (CAMILLERI, 1996, p. 26)

- 14 8) Não permitir ser interrompido enquanto come. O momento da
15 refeição é único e não permite distrações:

16 – Arrumei aqui – disse o dono, assim que viu Montalbano comparecer pa-
17 ra o jantar, e conduziu-o a uma saletinha onde só cabiam duas mesas. O co-
18 missário sentiu-se agradecido: a sala grande retumbava com as vozes e risadas
19 de um grupo barulhento.

20 – Botei mesa pra dois – prosseguiu o dono. – Tudo bem se o *cavaliere*
21 Pintacuda comer com o senhor?

22 Tudo bem, tudo bem, não: ele sempre temia precisar falar enquanto estava
23 comendo. (CAMILLERI, 1996, p. 206)

- 24 9) Não colocar queijo parmesão sobre a *pasta alle vongole*:

25 Enquanto esperava, Augello apoderou-se do jornal do comissário e come-
26 çou a ler. Os spaghetti chegaram quando, por sorte, Montalbano já terminara a
27 merluza, porque Mimì espargiu generosamente queijo parmesão sobre o prato.
28 Jesus! Nem mesmo uma hiena, que é uma hiena e se alimenta de carniça, teria
29 estômago para a ideia de um prato de *pasta alle vongole* com parmesão por
30 cima. (CAMILLERI, 1996, p.26)

- 31 10) Abdicar-se de sentimentos de raiva e não brigar no momento de uma refeição:

32 Começaram a almoçar, Livia e François de vez em quando se falavam, fe-
33 chados numa invisível esfera de cumplicidade, da qual Montalbano havia fido
34 completamente excluído. Mas a comida estava tão gostosa que ele não
35 conseguiu se enraivecer como gostaria. (CAMILLERI, 1996, p. 97)

- 36 11) Ser capaz de identificar cada ingrediente utilizado em um prato,
37 degustando-o lenta e prazerosamente:

38 O comissário pôs na boca meia almôndega e, com a língua e o palato,
39 principiou uma análise científica que deixaria Jacomuzzi envergonhado. A sa-
40 ber: peixe e, não havia dúvida, cebola, pimentão picante, ovo batido, sal, pi-

1 menta-do-reino, farinha de rosca. Mas, para achar o nome, ainda faltavam dois
2 sabores a buscar sob o gosto da manteiga que servira para fritar. Ao segundo
3 bocado, ele identificou o que não descobrira antes: cominho e coentro. (CA-
4 MILLERI, 1996, p. 212)

5

6 **5. Cardápio (siciliano) de Salvo Montalbano***

7 **1. Antipasti (entradas)**

8 Antipasto di mare

9

10 **2. Primi e secondi piatti (primeiro e segundo pratos)**

11 Italiano / *Siciliano*

12 Alalunga in agridolce / *Alalonga in agrodolce*

13 Attupatedri al sugo / *Attupateddi cuu purpu*

14 Nasello in salsa d'acciugghi/ *Nasello in sarsa d'acciugghi*

15 Pasta incassata (o pasta al forno) / *Pasta 'ncasciata*

16 Pasta alla Norma

17 Pasta con i broccoli

18 Sarde a beccafico / *sardi a beccaficu*

19 Sauté di vongole col pangrattato

20 Sugo al nero di seppia

21

22 **3. Dessert (sobremesas)**

23 Italiano / *Siciliano*

24 Cassata siciliana

25 Cannoli / *Cannolu*

26 Mustazzoli di vino cotto / *Mustazzoli di vinu cottu*

* - Baseados nos três primeiros livros da série: *La forma dell'acqua* (1994) , *Il cane di terracota* (1996) e *Il ladro di merendine* (1996)

1 Petrafernula /

2

3 **4. Bevande (bebidas)**

4 Granita

5

6

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF
8 Martins Fontes, 2017.

9

BONINA, Giani. *Il carico da undici*. Le carte di Andrea Camilleri.
10 Siena: Barbera, 2007.

11

CAMILLERI, Andrea. *A forma da água*. São Paulo: Record, 1999.

12

_____. *La forma dell'acqua*. Palermo: Selerio, 1994.

13

_____. *Il ladro di merendine*. Palermo: Selerio, 1996.

14

_____. *O cão de terracota*. São Paulo: Record, 2000.

15

_____. *O ladrão de merendas*. São Paulo: Record, 2000.

16

DALLA BONA, Fabiano. O manifesto da cozinha futurista. *Interfaces*.
17 Rio de Janeiro. vol. II, n. 25, p. 41-52, jul./dez.2016.

18

_____. O prazer gastronômico no reino das duas Sicílias: entre o sagra-
19 do e o profano na representação literária. 2001. Tese (Doutorado em Le-
20 tras Neolatinas). UFRJ, Rio de Janeiro. Disponível em:

21

<[http://www.lettras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/fabianodallabo-
22 nadoutorado.pdf](http://www.lettras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/fabianodallabonadoutorado.pdf)>.

23

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual*. Análise de gêneros e
24 compreensão. São Paulo: Parábola, 2014.

25

MARINETTI, Filippo Tommaso. La cucina futurista: Manifesto della
26 cucina futurista. *La Fiera Letteraria*, 1927. Disponível em:

27

<[http://cucinafuturista.blogspot.com.br/2016/05/manifesto-della-cucina-
28 futurista-storia.html](http://cucinafuturista.blogspot.com.br/2016/05/manifesto-della-cucina-futurista-storia.html)>.

29

MAURO, Walter. *Sciascia*. Firenze: La Nuova Italia, 1970.